

HISTÓRICOS DOCUMENTOS D



O Presidente Eduardo Mondlane, quando presidia a uma das sessões do I Congresso da FRELIMO.

Três meses após a decisão das três organizações nacionalistas então existentes em formarem a Frente de Libertação de Moçambique, teve lugar em Dar-es-Salaam, na Tanzânia, o I Congresso da FRELIMO — o único realizado fora do território moçambicano, dado as condições então existentes tornarem impossível a sua realização em Moçambique.

Dois anos após, esgotadas todas as hipóteses de o Povo moçambicano conseguir a sua independência pela via pacífica, teve início a Luta Armada de Libertação Nacional, que se viria a transformar em revolução e a terminar com a derrota do inimigo e a proclamação da independência Nacional em 25 de Junho de 1975.

Hoje, a poucos dias do início do III Congresso da FRELIMO, publicamos alguns documentos pouco conhecidos do I Congresso, na certeza de que a sua divulgação poderá contribuir para uma melhor compreensão do significado histórico do momento que vivemos.

O I CONGRESSO DA FRELIMO

I CONGRESSO DA FRELIMO

De 23 a 28 de Setembro de 1962, realizou-se em Dar-es-Salaam, Tanganyika, o 1.º Congresso da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO).

A sessão de abertura desta importante Assembleia foi honrada pela presença de Suas Excelências os Senhores Rashidi Kawawa então primeiro Ministro de Tanganyika, o Óscar Kambona, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Defesa Nacional.

Estas duas eminentes personalidades do Governo do Tanganyika saudaram o Congresso em mensagens calorosas e reafirmaram a simpatia e a solidariedade totais do povo e do Governo do Tanganyika para com o povo moçambicano.

Este Congresso constituiu um acontecimento de alta importância na história de Moçambique.

Durante seis dias, moçambicanos de todas as regiões do nosso país, analisaram a situação de Moçambique, estudaram os problemas que se põem ao país e definiram os princípios e métodos que permitam conduzir vitoriosamente a luta de libertação nacional.

A importância do 1.º Congresso da FRELIMO foi sublinhada ainda pelo facto de ele ter sido também o Congresso da UNIDADE.

Com o efeito, para o povo de Moçambique a unidade constitui uma exigência fundamental. E foi a expressão dos militantes das diferentes organizações que existiam então, que a Frente se realizou.

Os dirigentes das três organizações moçambicanas (União Democrática Nacional de Moçambique, UDENAMO; União Nacional Africana de Moçambique, MANU; e União Nacional Africana de Moçambique Independente, UNAMI), souberam felizmente compreender a necessidade de satisfazer exigência popular, em 25 de Junho de 1962, tomaram a decisão de se unir, fundindo-se numa só FRENTE de luta unida.

Assim, o Congresso que se realizou em Setembro de 1962, três meses após a decisão tomada pelas três organizações nacionalistas de criar a FRENTE, teve como objectivo a *legalização* da nova situação criada e a definição concreta do programa da FRELIMO.

O Congresso reafirmou a decisão inquebrantável do povo moçambicano de prosseguir com o combate até à liquidação completa do colonialismo português, até à Independência Nacional.

O Congresso elaborou a linha geral da política da FRELIMO, tanto no plano interior, como no plano exterior, e definiu os objectivos imediatos, assim como os métodos de acção a utilizar para atingir esses objectivos.

O Congresso proclamou a necessidade do estabelecimento de laços estreitos entre a FRELIMO e todas as forças anti-colonialistas do mundo. Mas especialmente o Congresso da FRELIMO conside-

rou que era necessário estabelecer laços com países vizinhos de Moçambique que se encontram também empenhados na luta libertadora.

Ao reeditar hoje os trabalhos do Congresso, o Comité Central está orgulhoso pelo trabalho realizado e pelo caminho percorrido.

Com efeito, hoje, um ano após a realização do Congresso, a constatação especial que todos podem fazer, é de, que, apesar de todas as dificuldades, movimento geral de emancipação sólida, o gula lúcido e consciente do povo moçambicano na luta contra o colonialismo português. Criada pelo povo moçambicano, a FRELIMO é bem hoje, a organização do povo moçambicano.

A FRELIMO, durante o ano findo, estendeu e consolidou a sua organização no interior do país promovendo a mobilização e enquadramento da população, elevando o nível da consciência política das massas e fortalecendo o seu justo sentimento da revolta contra os ocupantes da nossa terra moçambicana.

No plano exterior internacional a FRELIMO está hoje consagrada.

Reconhecida pelo conjunto dos países Africanos independentes da Organização da Unidade Africana criada em Adis-Abeba, por todas as organizações nacionalistas Africanas, Pan-Africanas asiáticas, a FRELIMO impôs-se igualmente ao Mundo inteiro como a expressão da vontade de Independência do povo moçambicano. Naturalmente, a acção libertadora do povo moçambicano não está ainda terminada. Devemos prosseguir o nosso trabalho, fortalecer cada vez mais e melhor a organização da FRELIMO dentro de Moçambique, elevar cada vez mais o nível da consciência política.

As nossas dificuldades não estão no fim, devemos consentir ainda, cada um de nós e todos juntos, enormes sacrifícios para que a nossa Pátria seja livre e Independente, e o povo moçambicano inteiro, feliz.

A todos os militantes, a todos os moçambicanos, o Comité Central da FRELIMO saúda e incita a continuar, sem desfalecimentos, o combate para a liquidação completa do colonialismo português e do imperialismo, e para a Independência total e completa de Moçambique.

Tenhamos coragem, audácia e perseverança; Em breve a Vitória será nossa!

INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

VIVA A FRELIMO!

VIVA MOÇAMBIQUE!

O COMITÉ CENTRAL
Dar-es-Salaam, Setembro de 1963.

DISCURSO PROFERIDO PELO DR. EDUARDO CHIVAMBO MONDLANE, PRESIDENTE DA FRELIMO

Compatriotas:

Sentimos um grande prazer por, mais uma vez, vos ver reunidos nesta sala. Estivestes aqui presentes ontem feriado, e depois de um longo dia intenso de trabalho, eis que vos vemos novamente.

A vossa presença constitui em si uma prova indiscutível do interesse que tendes pela árdua luta contra o colonialismo. Mostra ainda que nenhuma circunstância, por mais difícil que ele seja, vos impedirá de continuar a lutar.

O povo da África e particularmente de Moçambique querem seguir para a frente.

Fazemos para que mantenham esse espírito pois terão necessidade dele na luta de libertação de Moçambique.

A sessão de hoje é de subida importância na história do nosso País. Segundo o que supomos, é original, na história de Moçambique o facto de um grupo de nacionalistas se reunirem para apresentarem os problemas concernentes ao seu País, e procurarem soluções para eles. Sentimos um especial prazer por participarmos neste momento histórico. Estamos aqui para estabelecermos as bases de acção que nos conduzirão à libertação do nosso País.

Durante muitos anos o nosso povo não percebia a razão porque os jovens de Moçambique não tentavam libertar a terra mãe. No exterior muitos também não percebiam. Naturalmente nós que participamos na luta tínhamos outra opinião.

Desde que Portugal conquistou a nossa terra há umas centenas de anos, têm-se verificado levantamentos esporádicos tendentes a libertar o país do jugo estrangeiro. Muitos dos nossos avós recordam-se ainda das lutas que travavam na altura em que os portugueses conquistaram a nossa terra e

quando vários países europeus partilharam o nosso continente.

Recentemente vós fostes testemunhas dos massacres perpetrados pelos bárbaros portugueses contra o nosso povo, pelo simples facto de desejar a sua legítima liberdade. Alguns morreram lutando politicamente, e outros em greves e outras formas de rebelião contra a exploração dos imperialistas europeus. Mesmo agora temos recebido notícias de Moçambique segundo as quais milhares de indivíduos se encontram presos pelo facto de repudiarem o colonialismo português em Moçambique.

Em poucos anos temos assistido à formação de partidos políticos tanto no exterior como no interior de Moçambique. Há apenas três meses que esses partidos se fundiram num só momento, o único até à data. A FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO). Este Congresso foi terminado pela FRELIMO.

No passado pairava certa confusão mas agora não podemos continuar a duvidar: Com a nossa UNIÃO e com a ajuda do povo de África destruiremos o colonialismo e o imperialismo.

Esta UNIÃO está cristalizada no poderoso movimento chamado «FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE».

Alguns de vós estarão ainda em dúvida sobre a nossa capacidade de UNIÃO. Ora a vossa participação neste momento sob o jugo do colonialismo português com milhares de indivíduos que se encontram nas prisões, com os que estão prontos a lutar, com aqueles que morreram nas minas, com todos aqueles que sofrem.

Nós estamos ligados aos povos de Angola, Cabo Verde, da Guiné «Portuguesa» e de São Tomé e Príncipe, que sustentam uma luta sangrenta.

Durante o ano passado foram mortos muitos patriotas angolanos, e hoje continuam a ser assassinados. Nós devemos compreender que fazemos parte dessa mesma luta contra o colonialismo português.

Nós estamos unidos aos povos da África do Sul e da Rodésia do Sul, que ainda há poucos dias foram proibidos de exercer acção política legalmente. Estamos unidos aos povos de toda a África e a todos aqueles que estão sob o jugo estrangeiro.

A organização da África Oriental, a PAFMECSA, que compreende partidos políticos de vários países, tem como sabeis, a sua sede em Dar-es-Salaam. Ora os seus trabalhos não são mais do que uma parte do nosso esforço geral no sentido da libertação da África.

Assim pois, a libertação de Moçambique não terá nenhum sentido enquanto houver povos africanos oprimidos. Por isso é também vosso dever consagrarem-se totalmente à liquidação da dominação estrangeira do nosso continente.

Temos apoio de numerosos povos africanos e não-africanos. Tanganyika, que está aqui representado, é um deles. Apresentamos os nossos sinceros agradecimentos pelo auxílio que o Governo de Tanganyika nos tem prestado.

Estamos aqui reunidos para prepararmos o caminho que nos conduzirá à liberdade. Hoje à noite mesmo formaremos as comissões necessárias ao bom andamento dos trabalhos. Bom sucesso aos trabalhos do nosso 1.º Congresso.



Chegada de Eduardo Mondlane a Dar-es-Salaam, onde teve lugar o 1 Congresso da FRELIMO.

DECLARAÇÃO GERAL

O 1.º Congresso da FRELIMO, reunido em Dar-es-Salaam, de 23 a 28 de Setembro de 1962, agrupou Delegados de Moçambique e procedeu a uma análise aprofundada da situação vigente em Moçambique. O Congresso constatou que o povo de Moçambique se encontra ainda submetido à opressão colonial portuguesa, sob todas as formas políticas, social e cultural.

Considerando que a política do governo português em Moçambique se caracteriza pela supressão das liberdades fundamentais;

Considerando que o governo português não reconhece a primazia dos interesses dos Moçambicanos, e que, pelo contrário, se opõe ao direito dos povos de dispor de si próprios, obstinando-se em alimentar o mito de que Moçambique é uma «Província do Ultramar».



Momentos após ter desembarcado do avião na capital da Tanzânia, Eduardo Mondlane saúda moçambicanos e tanzanianos que o aguardavam. Ao lado do Presidente Mondlane pode ver-se Marcelino dos Santos.

Considerando que o governo português em vez de procurar uma solução pacífica para o conflito que opõe o povo de Moçambique à administração colonial portuguesa, intensifica os métodos fascistas de repressão contra os patriotas, reforçando o aparelho militar e policial, pelo envio de contingentes e pelo desenvolvimento da P.I.D.E., cometendo massacres de populações inocentes, prendendo e torturando os nacionalistas, utilizando a intimidação, a chantagem e a corrupção.

Considerando que esta atitude anacrónica contra a marcha da história e o bom senso, leva as massas populares a procurarem os meios eficazes para a autodefesa activa.

Considerando que o povo moçambicano aspira ardentemente à auto-determinação e à Independência.

HISTÓRICOS DOCUMENTOS DO I CONGRESSO DA FRELIMO

Considerando que as recentes reformas promulgadas pelo governo português são medidas que se enquadram no âmbito do mesmo espírito colonialista que tem superintendido a acção portuguesa em Moçambique; que elas foram tomadas unilateralmente sem consulta prévia do povo moçambicano; segundo, portanto, métodos antidemocráticos, inadmissíveis; que essas medidas visam a convencer a população portuguesa residente em Moçambique de que o Governo português está disposto a aplicar medidas liberais, incitando-as assim a opor-se às reivindicações nacionalistas do povo moçambicano; que nestas condições tais medidas são racistas porque contribuem para cavar o fosso que separa a população africana da população europeia; e que, além disso, essas medidas constituem apenas novos elementos da propaganda política dos círculos colonialistas portugueses que visam desencorajar o povo moçambicano de prosseguir o combate pela Independência e a enganar as Nações Unidas e a opinião mundial.

O CONGRESSO DA FRELIMO

Condena veemente o colonialismo português;
Saúda todos os patriotas que combatem pelo triunfo da causa da Independência, da justiça e da liberdade em Moçambique.

Proclama a união de todos os moçambicanos sem qualquer discriminação de origem étnica, de condição de fortuna, de confissão religiosa ou filosófica, nem de sexo, na luta por todos os meios para liquidação imediata, e completa do colonialismo português e para a conquista da Independência Nacional.

Apela para todos os moçambicanos para que intensifiquem a acção quotidiana com vista à Independência, organizando-se cada vez mais e melhor no seio da FRELIMO, afim de desenvolver fortemente o combate contra o inimigo, o colonialismo português.

Exige que o governo português reconheça solene e formalmente o direito do povo moçambicano à auto-determinação e à Independência Nacional, condição essencial para o estabelecimento de negociações entre o governo português e as forças nacionalistas de Moçambique a fim de definir a maneira do acesso de Moçambique à Independência.

O CONGRESSO DA FRELIMO

Constatando a identidade das formas de opressão política, económica, social e cultural, entre Moçambique e as outras Colónias Portuguesas;

Considerando que o colonialismo português é o inimigo comum e director dos povos de Moçambi-

que, Angola, Guiné, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Timor:

Declara que a unidade de acção entre organizações nacionalistas das Colónias Portuguesas consiste numa contribuição inestimável no combate para a liquidação geral do colonialismo português e para a Independência Nacional.

O CONGRESSO DA FRELIMO

Constatando que só a Independência Nacional pode permitir ao povo Moçambicano contribuir plenamente para o desenvolvimento da cooperação internacional e para consolidação da paz entre os povos:

Manifesta a sua adesão integral à Declaração Universal dos Direitos do Homem e aos princípios de coexistência proclamados pela conferência de Bandung

Confirma as declarações e resoluções adoptadas pela Conferência dos povos Africanos e pela Conferência de Solidariedade Afro-Asiática;

Declara a sua solidariedade activa para com todas as forças anti-colonialistas do Mundo;

O CONGRESSO DA FRELIMO

Tendo em conta a declaração sobre a concessão de Independência aos povos coloniais, adoptada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 14 de Dezembro de 1960:

Convida todos os países e todos os homens amantes da paz e da liberdade, para que o apoiem na justa causa da Independência do povo de Moçambique opondo-se eficazmente à continuação da utilização dos métodos de repressão por parte de Portugal.

O CONGRESSO DA FRELIMO

Constatando que o combate contra o sistema geral do colonialismo está hoje na sua última fase;

Constatando que as potências colonialistas, num último esforço, criaram uma verdadeira frente para manter o essencial dos seus poderes económicos e militares em África;

Constatando que essas mesmas potências usam de todos os recursos, inclusive o assassinato cobarde de dirigentes, como sucedeu com PATRICE LUMUMBA, herói africano.

Condena a política do governo Sul-Africano no Sudoeste Africano;

Condena a política retrógrada das autoridades da Rodésia do Sul, protesta contra a proibição da ZAPU. EXIGE a revogação dessa proibição e assegura o povo da Rodésia do Sul da sua solidariedade total na luta que travam pela Independência Nacional;

Denuncia, condena e exige a dissolução da Federação das Rodésias e Nyassaland, imposta contra vontade popular;

Exige a Independência imediata para todos os territórios que se encontram ainda sob o jugo colonialista;

O CONGRESSO DA FRELIMO

Após ter examinado as necessidades actuais da luta contra o colonialismo-português em Moçam-

bique, declara a sua firme determinação de promover a organização eficaz do combate do povo Moçambicano pela libertação Nacional, e adopta as seguintes medidas para que sejam postas imediatamente em execução.

1. Desenvolvimento e consolidação da estrutura da organização da FRELIMO;
2. Desenvolvimento da unidade entre os Moçambicanos;
3. Utilização máxima das energias e facultades de cada um e de todos os membros da FRELIMO;



EM CIMA E AO ALTO: Centenas de moçambicanos que fugindo ao colonialismo se tinham refugiado na Tanzânia, aguardavam Eduardo Mondlane em Dar-es-Salaam. Entre os dísticos que estes moçambicanos exibiam distingue-se um onde se lê: «Exigimos a imediata liberdade de Moçambique».

4. Promover a formação acelerada de quadros;
5. Empregar todos os esforços para promover o acesso rápido de Moçambique à Independência;
6. Promover por todos os meios, o desenvolvimento social e cultural da mulher moçambicana;
7. Promover desde já a alfabetização do po-

vo moçambicano criando escolas onde for possível;

8. Tomar as medidas necessárias afim de aprovar as necessidades dos órgãos dos diferentes escalões da FRELIMO;
9. Encorajar e apoiar a formação e consolidação das organizações sindicais, de estudantes, da juventude e das mulheres;
10. Cooperação com as organizações nacionalistas das outras colónias portuguesas;
11. Cooperação com as organizações nacionalistas africanas;
12. Cooperação com os movimentos nacionalistas de todos os países;
13. Obtenção de fundos junto das organizações que simpatizam com a causa do povo moçambicano, fazendo apelos públicos;
14. Obtenção de meios para a auto-defesa e para manter e desenvolver a resistência do povo moçambicano;
15. Programa permanente por todos os meios, afim de mobilizar a opinião pública mundial em favor da causa do povo moçambicano;
16. Diligências junto de todos os países afim de realizar campanhas e manifestações públicas de protesto contra as atrocidades cometidas pela administração colonial portuguesa, assim como para libertação imediata de todos os nacionalistas que se encontram nas prisões colonialistas portuguesas;
17. Obtenção de ajuda diplomática, moral e material, para a causa do povo moçambicano junto dos Estados Africanos e de todos os Estados amantes da paz e liberdade.

RESOLUÇÕES

RESOLUÇÃO SOBRE A CONCP

O 1.º Congresso da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), reunido em Dar-Es-Salaam de 23 a 28 de Setembro de 1962,

Considerando a identidade das formas de opressão política, económica, social e cultural que vigora nas colónias portuguesas;

Considerando que o governo português não reconhece o princípio da primazia dos interesses dos habitantes destes países, e que opondose ao direito dos povos de disporem de si próprios, obstina-se em alimentar o mito de «Províncias Ultramarinas».

Considerando que o governo português em vez de procurar uma solução pacífica que opõe aos povos das colónias portuguesas à administração colonial portuguesa, intensifica os métodos fascistas da repressão contra os nacionalistas, enviando reforços militares, praticando o genocídio e criando focos de guerra;

Considerando que os povos das colónias portuguesas aspiram ardentemente à autodeterminação e à Independência;

Saúda todos os patriotas que combatem pelo triunfo da causa da Independência, da justiça e da liberdade em Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique;

HISTÓRICOS DOCUMENTOS DO I CONGRESSO DA FRELIMO

Saúda a Conferência das organizações nacionalistas das colónias portuguesas (CONCP), FRENTE unida dos povos das colónias portuguesas no combate para a liquidação geral do colonialismo português e para a Independência Nacional;

Aprova os princípios e as decisões adoptadas pela CONCP na Conferência realizada em Casablanca, de 18 a 20 de Abril de 1961;

—Encoraja os povos dos países ainda sob o jugo colonial português a prosseguirem unidos o combate pela liberdade;

Pede a adesão da FRELIMO à CONCP

MENSAGEM AO POVO PORTUGUÊS

PORTUGUESES,

Nestas horas graves da história de Moçambique a FRELIMO dirige-se a vós.

O povo Moçambicano, inspirado pelos sentimentos profundamente humanos de liberdade e justiça, está firmemente decidido a lutar, se necessário, com o holocausto da própria vida, pela conquista da sua Independência Nacional. O governo português, estendendo os seus tentáculos, mantém sob uma feroz opressão, o povo do nosso país. O nosso povo continua a viver submetido, forçado. O governo colonial-fascista de Portugal prossegue a política da expropriação das nossas terras, de exploração do trabalho do nosso povo. Ora o benéfico desta exploração reverte apenas em favor dos colonialistas portugueses.

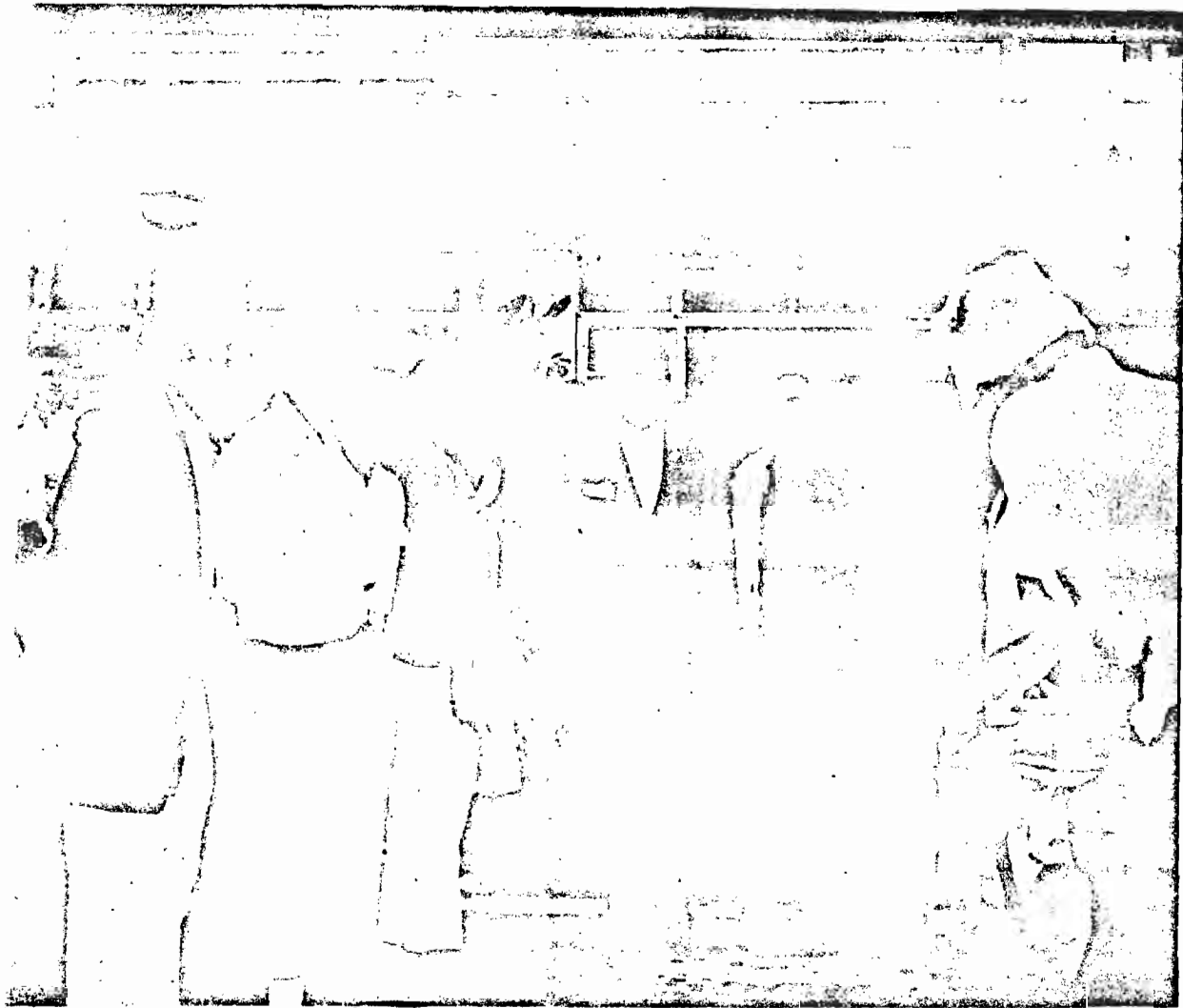
Para tentar destruir o nosso amor à liberdade, o vosso governo não hesita em massacrar o povo Moçambicano; MUEDA em Junho de 1960, XINAVANE em Fevereiro de 1961, são exemplos da bárbara reacção do governo colonial-fascista perante as legítimas aspirações do nosso povo.

Mais ainda, não sómente Moçambique, mas também Angola, Guiné, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, desejam ser livres e Independentes.

Foi para tentar quebrar a vontade do povo angolano de serem independentes que o governo dirigido pelo Sr. Salazar desencadeou a guerra em Angola.

Mas o povo angolano e o povo guineense não sucumbirão. Pelo contrário, a repressão colonialista conduz somente a uma reacção cada vez mais forte do conjunto dos povos de Moçambique, Angola, Guiné «Portuguesa», Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Por outro lado, a situação do governo português no plano internacional é de quase total isolamento, sendo apenas integralmente apoiado pelos governos fascistas da África do Sul e da Espanha.



O Presidente Mondlane saindo do edifício onde, de 23 a 28 de Setembro de 1962, se realizou o I Congresso da FRELIMO, em Dar-es-Salaam.

Com eleito, a consciência mundial horrorizada revolta-se contra a acção bárbara perpetrada pelo exército português em Angola. E agora, também, na Guiné «Portuguesa».

A FRELIMO declara a perda de-vida ou de propriedade por parte dos portugueses como consequência do possível conflito que o governo português está criando entre as populações africanas e portuguesas de Moçambique.

O povo Moçambicano espera pois que o povo português saiba tomar, neste conflito em que se opõe o Povo Moçambicano à administração colonial-fascista portuguesa, uma posição digna das suas nobres tradições democráticas, para contribuir e evitar que a guerra também se desenvolva em Moçambique.

MENSAGEM A SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO MINISTRO DO GOVERNO DE TANGANYIKA

Excelência,

Eis-nos no fim dos nossos trabalhos.

O primeiro Congresso da FRELIMO realizado em Dar-Es-Salaam, dirige a V. Exa. os seus sentimentos de homenagem, respeito e alta consideração, e agradece o testemunho de solidariedade que V. Exa. e todo do Tanganyika quiserem manifestar pela causa do povo moçambicano que luta pelos nobres ideais de liberdade, de independência nacional, de justiça e progresso.

Neste momento em que nos preparamos para aplicar as decisões que tomámos, permita-nos Excelência, solicitar o vosso apoio ao apelo que fizemos aos chefes de Estado Africanos, afim de mobilizarem todas as forças ao seu alcance para derubar o colonialismo português.

Queira V. Exa. aceitar as calorosas saudações que os delegados presentes ao nosso 1.º Congresso lhe endereçam.

O CONGRESSO

MENSAGEM AOS CHEFES DE ESTADO DOS PAÍSES INDEPENDENTES DE ÁFRICA

O Congresso da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), realizado em Dar-Es-Salaam de 23 de Setembro de 1962, chama a atenção dos Chefes de Estado Africanos para o perigo que correm as populações de Moçambique e das outras colónias portuguesas, em virtude das medidas tomadas pelo governo português, tendentes a incitar a população branca a reprimir desumanamente as justas reivindicações dos Africanos.

O Congresso apela vibrantemente para todos os Chefes de Estado da África, para que, dentro do espírito de solidariedade Africana, contribuam com todas as forças à sua disposição e com o máximo interesse, para liquidação do colonialismo e do imperialismo e português em Moçambique, o que constituirá uma contribuição importante para a completa emancipação da África e para a realização da Unidade Africana.

O Congresso considera que a aliança WELLENSKY — VERWOERD — SALAZAR é uma aliança criminosa que visa o extermínio do povo africano e, por isso, acha que toda e qualquer cooperação com qualquer destes governos é de natureza a retardar o processo dos movimentos de libertação nacional.

MENSAGEM AO PAFMECSA

O Congresso da Frente de Libertação de Moçambique, realizado em Dar-Es-Salaam de 23 a 28 de Setembro de 1962,

Considerando que as potências colonialistas cria-



O Presidente Mondlane quando falava aos moçambicanos refugiados na Tanzânia. No canto esquerdo da foto pode ver-se Pasecoal Mocumbi, actual responsável da Saúde em Sofala.

HISTÓRICOS DOCUMENTOS DO I CONGRESSO DA FRELIMO

ram uma verdadeira frente contra os povos africanos, afim de manterem os seus privilégios;

Considerando particularmente o carácter criminoso da aliança WELLENSKY—VERWOED-SALAZAR;

Considerando a necessidade da cooperação entre as forças nacionalistas na acção contra o colonialismo e o imperialismo;

É Guiado pelos princípios da unidade africana: Saúda os nacionalistas que combatem contra o colonialismo e o imperialismo;

Saúda o Movimento Pan-Africano de Libertação Leste, do Centro e do Sul da África (PAFMECSA), e a luta contra os opressores da África.

Pede a adesão à PAFMECSA.

RESOLUÇÃO SOBRE A ONU

O primeiro Congresso da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), realizado de 23 a 28 de Setembro de 1962, em Dar-Es-Salaam.

Considerando que apesar das resoluções tomadas pela Organização das Nações Unidas relativamente às colónias portuguesas, Portugal se recusa a executá-las;

Atendendo a que nenhuma medida concreta foram tomadas contra Portugal por não cumprir as resoluções da ONU;

Convencido de que este procedimento, que compromete o prestígio da ONU, é o fruto do apoio de certos estados ao colonialismo português;

Pede à Organização das Nações Unidas para que tome medidas concretas e imediatas afim de impedir a guerra de genocídio que Portugal está a preparar em Moçambique, e para o obrigar a aplicar a declaração da ONU, de 14 de Dezembro de 1960, que permite ao povo de Moçambique dispor de si mesmo;

Propõe que sejam aplicadas a Portugal as seguintes sanções:

- Boicote económico por todos os países membros da ONU,
- Expulsão de Portugal da ONU.

Exprime a mais viva indignação do povo de Moçambique contra todos os países que fornecem ajuda a Portugal para manter o seu regime.